

A CRISE NO HAITI PÓS-INDEPENDÊNCIA, DE 1804 – 1915

Jofre Teófilo Vieira

Victor Fialho de Assunção

RESUMO

Neste artigo analisaremos a crise instalada no Haiti após sua independência, buscando compreender quais os motivos que levaram esta República a não alcançar um pleno desenvolvimento da sua sociedade, apesar de ser a primeira colônia a se tornar independente e a libertar seus escravos através de uma revolução. E desta maneira compreender a crise haitiana durante o século XIX, que culminou em 1915 na invasão americana da ilha.

Palavras – Chave: Haiti; Negros; Nação; Nacionalismo.

INTRODUÇÃO

Quando se busca analisar a história do Haiti, dois períodos se sobressaem: o primeiro está compreendido entre o final do século XVIII e o início do XIX, que é a Revolução do Haiti e o segundo no início do século XX em diante, iniciada com a invasão americana da Ilha. Estes dois períodos estão bem estudados e pode-se encontrar um bom número de trabalhos. Mas, ao passarmos para o século XIX, um período em que a escravidão no Novo Mundo perde sua força e no qual as grandes potências irão intensificar a colonização da África. No Haiti, a partir do momento pós-independência sua história foi deixada a “margem”, colocada somente como um apêndice das ações das grandes potências que invadem o país, o que nos permitiu visualizar uma grande lacuna na historiografia sobre o Haiti neste período. Um período muito importante na sua história, pois a partir deste momento, como país independente e a necessidade de se criar um projeto nacional, que ocorrerá inúmeras disputas internas entre mulatos e negros, que acarretarão no futuro, freqüentes golpes de estados, corrupção, fome,

miséria, massacres e intervenções militares estrangeiras. Que assim, marcarão toda a sua história até os dias atuais.

Pretendemos aqui visualizar um quadro geral de como este país criou um sistema próprio de governo, longe da conjuntura econômica internacional e perceber as suas implicações, para depois compreender sua inserção nas relações internacionais que culminaria na sua dependência primeiramente da França e depois dos Estados Unidos.

O artigo encontra-se dividido em três partes: a primeira se refere a uma breve contextualização da Revolução do Haiti e o seu legado para a nova nação independente. A segunda busca compreender a hegemonia francesa no país independente e suas implicações. E a terceira, visa uma análise do contexto internacional no final do século XIX e início do XX no qual as grandes potências mundiais irão travar uma disputa em torno do Haiti, provocando assim um jogo de “relações desiguais” que culminará na intervenção americana em 1915.

O LEGADO DA REVOLUÇÃO PARA A NAÇÃO

Primeira e única grande vitória de escravos, da qual os haitianos se orgulham a ponto de imobilizá-la no tempo, como para perpetuar esse momento único, invejado pelos outros povos do caribe – hoje, no entanto, mais desenvolvidos.¹

A Revolução do Haiti se transformou no maior movimento negro contra a dominação colonial, na América, pode-se colocá-la também em escala mundial. Pois, ao conseguir a libertação nacional, este movimento colocou em xeque inúmeras teorias existentes no período como, por exemplo, que os negros não poderiam auto governar-se.

Movidos pelos ideais da Revolução Francesa de igualdade, liberdade e fraternidade negros e mulatos forjaram uma união improvável, sob a liderança de Toussaint L’Ouverture², que culminou com a derrota do temido exército francês de Bonaparte. Cabe aqui não esquecer dos outros personagens desta luta que perdurou por anos, como os líderes negros Dessalines, Christophe, Clairveaux, Maurepas, Pétion e o povo haitiano que se defrontou sem tréguas, contra exércitos invasores defendendo o ideal jacobino da liberdade e igualdade de todos os homens. Seriam chamados mais

tarde de os “jacobinos negros”. O próprio Toussaint L’Ouverture após ser preso iria confirmar que o ideal da revolução estava em todos os seus compatriotas: “...derrubando-me, abateu-se em Saint-Domingue apenas o tronco da árvore da liberdade dos negros, ele renascerá de suas raízes”.³

Dessalines se tornou o primeiro chefe de Estado haitiano, e logo seria coroado imperador em outubro de 1804. Os ex-escravos passaram a se dedicar à tradição herdada da África, a agricultura de subsistência, o que provocou a saída do país do mercado mundial.

O que percebemos como legado desta revolução para a nação? Primeiramente a aliança que foi forjada entre negros e mulatos durante a luta de libertação, mostrando que poderia ser possível uma união entre estes dois lados. Mas esta união que poderia ser benéfica para a nação não veio se firmar, pois a falta de compromisso das lideranças políticas com a democracia haitiana acentuou a cisão existente na sociedade, onde de um lado estavam os mulatos descendentes dos colonizadores, alfabetizados e letrados, portanto, sentiam-se mais capazes de exercer o governo, bem como os oficiais militares de origem negra e os comerciantes, do outro lado, estavam os negros analfabetos ligados às suas origens africanas e orgulhosos de sua conquista.⁴

A aliança entre estes dois extremos poderia ter sido o maior legado desta revolução, o que poderia ter levado o país a um grande desenvolvimento, mas o hiato entre estas duas classes era profundo demais. O que podemos perceber também, quando a nossa análise se dar no campo da cultura, era que a elite mulata ainda se identificava com as idéias de civilização vindas da França, reproduzindo todo um estilo desta sociedade, o que levou a Michelet a dizer que, no século XIX o “*Haiti era a França negra*”⁵. Já os negros, principalmente os ex-escravos africanos, pensavam em estabelecer um elo de ligação mais intenso com a África, e a prática do vodu explicitava bem isso, um caráter homogeneizador das diversas etnias africanas encontradas na ilha.⁶

Para o Haiti, o maior legado deixado das batalhas pela independência representou a exacerbação do nacionalismo e a formação de uma cultura nacional, o elemento que definiria o ser haitiano, tarefa não muito fácil, já que vimos à enorme

cisão desta sociedade, que se refletiu no fechamento do país para as políticas internacionais e a busca de um governo autônomo e livre de influências estrangeiras, que desse a população trabalho e terra, ao invés do antigo sistema escravista. Mas os governos haitianos, sempre tiveram uma tendência autoritária e despótica, a partir da negação da cultura nacional formada durante as lutas de independência. Seus líderes após assumirem o poder mantiveram cada vez mais a postura dos senhores de escravos, reproduzindo assim, o antigo sistema, agora, com uma nova face.

Além das fronteiras da antiga ilha de São Domingos esta revolução ecoou, saindo da ilha para o continente, atingindo o continente americano de norte a sul, insuflando escravos a se rebelarem contra a sua condição servil, povoando o imaginário das elites com pesadelos de uma nova revolução. Esses ecos foram ouvidos, havendo um aumento considerável no número de revoltas de escravos nos países da América neste período.

Muito mais do que ecos, o sucesso da revolução estava ligado com o futuro da nação haitiana, pois o seu êxito, demonstraria que os negros poderiam governar-se por si só, o que seria um elemento desestabilizador para as sociedades que ainda mantinham o sistema escravista e um grande obstáculo para a colonização na África, disputada pelas grandes potências mundiais, o que levou a estes grandes impérios a exercer uma maior vigilância e controle sobre as ações do Haiti.

A HEGEMONIA FRANCESA (1825 – 1860)

Logo após sua independência o Haiti saiu do mercado mundial do açúcar, voltando-se para uma agricultura de subsistência. A economia baseada na produção de açúcar para o mercado externo transformara a antiga colônia numa das mais ricas da América, recebendo o nome de “Pérola das Antilhas”. Com a sua saída do mercado internacional suas possibilidades de progredir economicamente ficaram muito reduzidas, assim de *“colônia mais produtiva das Américas passou a país independente pauperizado e fora de um intercâmbio favorável na economia internacional”*.⁷

Saindo do cenário das relações econômicas mundiais, o Haiti procurou preservar sua autonomia impondo sérias restrições a grupos estrangeiros que estavam

interessados em investimentos no país. Mas este isolamento era uma faca de dois gumes, pois na medida em que preservava uma certa autonomia, a agricultura de subsistência ia perdendo força, não conseguindo dar conta sozinha da economia nacional, pois estava sem apoio financeiro e com sérios problemas com a erosão de grande parte do solo cultivável. Fora isso, o país ainda se viu isolado completamente pelas nações latino-americanas recém-emancipadas.

Em face deste isolamento e as disputas internas entre negros e mulatos que assolavam o país, a elite descendente dos colonizadores buscou uma reaproximação com a França. Mas, esta logo após “*a independência, cortou relações tanto diplomáticas quanto econômicas com a ilha*”⁸ e somente reconheceria o Haiti como independente após o pagamento de uma indenização pela perda de terras e escravos causados pela emancipação do Haiti:

... em troca de uma indenização de 150 milhões de francos. Carlos X concede aos habitantes da parte francesa de Saint-Domingue “a independência plena e inteira”.⁹

A elite desejosa de uma aproximação mais estreita com a França e de livrar-se do isolamento e do caos de sua economia resolveram aceitar a imposição de Carlos X e pagou a indenização, o que causou um enorme empobrecimento do país que já não tinha muitos recursos. Para pagar a quantia pedida, o Haiti recorreu aos bancos privados franceses, onde recebeu um empréstimo a taxas de juros elevadas. Assim, o empobrecimento haitiano data dessa época.¹⁰

O que representava para esta elite uma estreita ligação com a França? Quais os benefícios que traziam ao seu país pagar uma multa tão pesada para um país que tinha poucos recursos? Esta elite buscava afirmar-se no ideal de civilização pelo padrão francês, preferiam isso, a se juntar aos negros, com suas raízes africanas, sinônimo de atraso e barbarismo. Enfim, esta elite que já descendia de colonos franceses, educados pelos seus moldes via esta aliança com a França como perfeitamente aceitável já que preferiam se associar ao antigo colonizador a se lançar no mar dos leões que representava as disputas coloniais daquele período. E a predominância francesa era uma proteção maior em relação aos outros impérios coloniais.

Desta forma, a hegemonia francesa no Haiti foi se consolidando também através da economia, uma vez que as culturas destes dois países já tinham fortes laços. Deste modo o Haiti que,

... desde sua independência, o país se refugiara por trás de um nacionalismo econômico estreito, impedindo os estrangeiros de possuir bens e de gozar das facilidades comerciais, impondo condições pesadas e limitadoras ao desenvolvimento das empresas privadas estrangeiras de imiscuir-se demais no desenvolvimento do país”¹¹

O Haiti acabou permitindo a França ter uma predominância na área comercial controlando as produções de café e o pau-campeche e conseqüentemente na financeira já que o Banco Nacional e o Banco Central no Haiti eram franceses. Assim esta predominância francesa atingiu todos os setores, apesar da tentativa de isolamento, política que fracassou em 1825, e que viu o país novamente sob o domínio francês. Domínio este que seria ameaçado no final do século XIX, pois assim que se tornou independente, o Haiti foi o objeto de rivalidade entre as seguintes potências: França, Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Esta hegemonia durou até o ano de 1860 de forma ininterrupta, pois a Alemanha de Guilherme II também estava no jogo, sendo uma compradora do café haitiano, e os EUA aparecem em cena de forma mais preponderante no início do século XX.

“O PERIGO AMERICANO” NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Na virada do século XX, assistimos a uma mudança no dispositivo das esferas de influência: A França perdeu sua posição, os EUA ocuparam o lugar....¹²

Os EUA que desde o final do século XIX mantinha relações comerciais com o Haiti, veio ter uma hegemonia preponderante neste país no início do século XX com a implantação econômica e financeira. E a entrada dos americanos neste jogo disputado principalmente por franceses e alemães teve como causas: o grande interesse das potências despertado pelo Haiti, quanto a sua posição estratégica na rota do canal do Panamá, cujo canal estava sendo construído, “*com seu porto protegido e o molhe de Saint-Nicolas*” que denominavam “*o Gibraltar do Novo Mundo*”¹³ Os interesses

americanos por esse molhe vinha desde 1891, e além do mais, “*dispor de um porto aberto a todos num estado independente como o Haiti, no meio de um mar colonizado, constituiria num trunfo*”¹⁴ muito importante para as pretensões nesta área. Outro ponto importante seria o controle da economia haitiana pelas potências.

Conforme a política de Monroe, a América deveria ser para os americanos, pois esta política era contrária a qualquer intervenção européia no continente americano. Além do caráter econômico, podemos perceber uma ameaça americana também no cultural, pois havia uma forte oposição dos méritos da cultura latina e a mentalidade anglo-saxônica, cujos ideais de pragmatismo, senso de eficácia e de rendimento, espírito de solidariedade e de disciplina, espírito de iniciativa e de empreendimento surgia como um novo modelo cultural para o país.

Agindo diretamente no plano econômico e financeiro, principalmente ao adquirir o controle do Banco Nacional do Haiti os americanos puderam controlar todo o aparelho estatal, assim do controle dessa instituição financeira, começou a americanização de todo o aparelho estatal. Depois passaram ao controle das alfândegas e ao controle político do Estado. Para em 1915 fazer a ocupação militar do Haiti,

... aproveitando suas ações na República Dominicana, país vizinho ao Haiti, os Estados Unidos entram em cena entre 1916 e 1924. Durante estes anos o regime estadunidense realizou uma espécie de ensaio de um programa de ajuste econômico. Aboliram da Constituição uma cláusula que proibia a aquisição de propriedades por estrangeiros, tomaram conta do Banco Nacional, reorganizaram a economia para assegurar o pagamento da dívida externa, expropriaram terras para suas próprias plantações e treinaram uma nova e brutal força militar.¹⁵

Imbuídos por uma política de autoproteção frente ao conflito da I Guerra Mundial os EUA ocupam a Ilha como ponto estratégico nas Antilhas e lá permanecem por quinze longos anos, abrindo cada vez mais feridas profundas na sociedade haitiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Haiti que um dia já foi chamado de a “Pérola das Antilhas” pelos seus colonizadores, hoje se encontra numa situação muito diferente, longe da prosperidade de outrora. E nossas considerações sobre esta nação pioneira tanto na libertação dos escravos quanto na independência e que poderia ter se tornado exemplo de prosperidade, mas ao invés disso se tornou um lugar de freqüentes golpes, corrupção e miséria de seu povo, é que esta nova nação independente não conseguiu manter o laço de solidariedade entre os mulatos e negros forjados no curso da revolução e o hiato cada vez maior nas disputas de como seria governado o país, o levou ao caos, debilitando sua economia e sua força. E com o caos, foi-se a esperança de uma experiência bem sucedida de uma república negra, que seria uma anomalia, numa época em que a ideologia do imperialismo continuava a considerar que um Estado negro não poderia governar-se por si só.

NOTAS

¹ FERRO, Marc. *Sobre o Tráfico e a Escravidão*. In: O livro Negro do Colonialismo. Org. Marc Ferro; [textos de Thomas Beaufile... et al.]; tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. Pág. 129.

² Toussaint era filho de um chefe tribal africano transferido como escravo para São Domingos, que se tornou capataz. Mostrando muitas qualidades, o senhor de Toussaint permitiu que fosse instruído no francês culto, tivesse contato com princípios de geometria e desenho, além noções básicas de latim.

³ FERRO. Op. cit. Pág. 129.

⁴ CÂMARA, Irene Pessôa de Lima. *Em nome da democracia. A OEA e a crise do Haiti – 1991-1994*. Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

⁵ Citado por Leslie Manigat no texto: Haiti: da hegemonia francesa ao imperialismo americano. In: FERRO. Op. cit. Pág. 247.

⁶ SOARES, Ana Loryn e SILVA, Elton Batista da. *A Revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804)*. In: Ameríndia, Ano 1, Vol 1/2006. <http://www.amerindia.ufc.br>

⁷ GORENDER, Jacob. *O épico e o trágico na história do Haiti*. In: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a25v1850.pdf>

⁸ Haiti: *O golpe e a correnteza*. In: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/07/323050.shtml>

⁹ SIMARD, Jacques Poloni. *A América espanhola: uma colonização de antigo regime*. In: FERRO. Op. cit. Pág. 226.

¹⁰ O Haiti pagou a última parcela da indenização em 1947, consumindo aproximadamente 80% de seu orçamento. Esta nota pode ser verificada no texto *Haiti: O golpe e a correnteza*. Op. cit.

¹¹ Manigat, Leslie. *Haiti: da hegemonia francesa ao imperialismo americano*. In: FERRO. Op. cit. Pág. 244.

¹² Ibid.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Haiti: O golpe e a correnteza. Op. cit.